

Concorrência 'afina' estudo da Universidade de Nova Iorque

Autoridade da Concorrência promete conclusões finais sobre eventual separação das redes da PT até final do ano.

Hermínia Saralva

hsaralva@economica.pt

O estudo da Autoridade da Concorrência (AdC) sobre o sector das telecomunicações deverá ser apresentado aos operadores em Novembro. Um dos grandes temas em análise é a questão da separação da infra-estruturas, ontem considerada um dos maiores desafios para o sector das telecomunicações por Mário Lino, ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, que falou na abertura do IV Fórum Telecom, promovido pelo Diário Económico.

De acordo com Eduardo Lopes Rodrigues, vogal do Conselho da AdC, que falou à margem do IV Fórum Telecom, promovido pelo Diário Económico, o regulador recebeu em Junho uma versão preliminar do estudo, preparando-se para agendar em Novembro, um 'workshop' com as empresas do sector, especialistas e economistas. O mesmo responsável escusou-se, no entanto, a adiantar quaisquer pormenores sobre as conclusões da análise que está a ser coordenada por Luis Cabral, professor da Universidade de Nova Iorque.



Teresa Maury (Anacom), Almeida Moita (APDC) e Eduardo Rodrigues (AdC)

As conclusões do estudo da Autoridade da Concorrência destinam-se "ao Governo e aos accionistas", não existindo influência directa entre este e as acções do regulador.

Eduardo Rodrigues acrescentou ainda que as conclusões do estudo não implicam uma tomada de posição por parte da Autoridade da Concorrência, sublinhando que as recomendações que vierem a ser tomadas "se destinam ao Governo e aos accionistas".

A eventual separação da rede de cobre e cabo ou a cisão entre a actividade grossista e retalhista do

operador incumbente, uma das questões a analisar pelo estudo da AdC, foi ontem referida pelo ministro das Obras Públicas: "As pressões no sentido da separação do quadro da infra-estruturas, também estas em processo de multiplicação, em relação às operações, são vistas como uma das formas susceptíveis de melhorar a concorrência". O governante escusou-se, no entanto, a com-

mentar qual a posição do Governo relativamente à propriedade das maiores infra-estruturas de telecomunicações nacionais, ambas controladas pela Portugal Telecom, afirmando apenas que «há quem defenda que uma forma de estimular a concorrência é a separação da rede do cabo e do cobre ou da operação grossista da retalhista da PT».

O IV Fórum Telecom focou o ambiente concorrencial e regulatório do sector das telecomunicações, com Teresa Maury, administradora da Anacom, a sublinhar o papel do regulador sectorial enquanto garante "das especificidades do mercado português", sem que com isso, sublinhou a mesma responsável, "o regulador pretenda ser o arquitecto do mercado". Teresa Maury defende uma regulação "estável, previsível e reduzida ao mínimo", frisando a necessidade de "avaliar a moldura regulatória no quadro da evolução tecnológica", chamando a atenção para o desenvolvimento da banda larga, expansão da terceira geração móvel, e a ameaça da voz sobre IP (VoIP) para o negócio de voz tradicional.

As pressões no sentido da separação da gestão das infra-estruturas são vistas como uma das formas susceptíveis de melhorar a concorrência.

Mário Lino
Ministro das Obras Públicas

É necessário avaliar a moldura regulatória no quadro da evolução tecnológica.

Teresa Maury
Administradora da Anacom

As comunicações de voz são oferecidas a um preço praticamente nulo, que queremos compensar através da banda larga.

Xavier Martin
CTO da Oni

Tripla convergência impõe novos desafios



"Operadores correm o risco de oferecer soluções acima das necessidades do mercado."

Xavier Martin
CTO da Oni

A tripla convergência entre telecomunicações, tecnologias de informação e 'broadcast', vai produzir no sector das telecomunicações uma "reciclagem dos modelos de negócio de tal forma que mudará completamente o papel dos 'players', existentes no mercado, defende Xavier Martin, CTO da Oni Telecom. Neste cenário os operadores de telecomunicações correm o risco de "oferecer soluções acima das necessidades do mercado", e de, mais uma vez, "criar expectativas excessivas" relativamente à forma como o sector das telecomunicações e tecnologias de informação podem ser o motor de desenvolvimento da economia. Em matéria de regulação, Xavier Martin, afirma que a acção da Anacom tem demonstrado ser "historicamente insuficiente, uma situação que só recentemente se começou a modificar". Para frisar a ideia já deixada na intervenção, Martin sublinhou em período de perguntas e respostas, que "alguma coisa está a acontecer no mercado português quando a Portugal Telecom gasta 80% do seu tempo a falar de regulamentação". H.S.

PT pode ser afectada por sobregulação



"É preciso dar tempo para que a regulamentação existente tenha efeito."

Paulo Fernandes
Administrador da PT

A sobregulação do mercado português de telecomunicações poderá deixar a Portugal Telecom, deixando-a numa posição vulnerável, numa altura em que se intensificam os movimentos de fusões e aquisições no sector das telecomunicações. A ideia foi ontem defendida por Paulo Fernandes, administrador do operador incumbente, para quem a Telefónica se encontra em posição de vantagem uma vez que o ambiente regulatório em Espanha para a rede fixa é menor do que existe no mercado nacional. "Existem restrições no mercado português", nomeadamente no que se refere ao período de 'hoje' a que o incumbente está obrigado até que possa recuperar um cliente que se tenha transferido para outro operador, "que não existem em mais nenhum mercado da Europa", sublinhou Paulo Fernandes, acrescentando que "a Portugal Telecom está em guerra concorrencial não só com os outros operadores portugueses, mas também com todos os grandes 'players' europeus". O administrador da PT defendeu ainda que "se dá tempo para que a regulamentação existente faça efeito". H.S.

Sonaecom reforça aposta na convergência



"Três em cada quatro clientes desagregados pertencem à Sonaecom."

Luis Reis
COO da Sonaecom

A Sonaecom quer manter uma estratégia de convergência tecnológica, esperando lançar até final do ano o projecto de televisão através da infra-estrutura IP. Luis Reis, COO da 'holding' de Belmiro de Azevedo para as telecomunicações afirma que a Sonaecom tem "sofrido" por desafiar o 'status quo', mas garante que o grupo de Belmiro de Azevedo tenciona continuar a fazê-lo "para que exista concorrência no mercado e que esta passe pelo segundo maior 'player' nacional". O mesmo responsável avançou ontem que a operadora já ultrapassou a barreira dos 40 mil clientes na marca 'discount' para o mercado móvel, Rede 4, e os 60 mil clientes no Optimus Home, o serviço fixo sem assinatura. Paralelamente, a Sonaecom prossegue na estratégia de desagregação de lacetas locais para chegar directamente ao consumidor final, reduzindo a dependência da Portugal Telecom. "Três em cada quatro clientes desagregados são da Sonaecom, afirmou Luis Reis, acrescentando que a Novis está actualmente presente em 130 centrais do incumbente. H.S.

Sector é fundamental para o desenvolvimento da economia

Ação do novo Governo contribuiu para a existência de um "ambiente de confiança" nas telecomunicações.

Herminia Saralva

hsaralva@economiainformatica.pt

As telecomunicações e os sectores associados de tecnologias de informação são motor essencial para o crescimento da economia portuguesa. Esta foi a par da existência de um ambiente regulatório mais equilibrado, uma das ideias consensuais defendidas pelos diversos intervenientes no IV Fórum Telecom, promovido, pelo **DIÁRIO Económico**.

Apesar da existência de um "clima de confiança" no sector, os operadores nacionais preparam-se para enfrentar novos desafios, muitos deles inerentes à própria evolução tecnológica, com a acentuada convergência entre as diferentes formas de comunicação (rede móvel, telefonia fixa, acessos de Internet e televisão) e "a morte da velha telefonia vocal às mãos da Internet", como referiu Norberto Fernandes, presidente da APDC.

Xavier Martin, CTO da Oni, o desafio passa pela criação de valor e pela revisão de processos básicos de operação. "Não temos conseguido atingir escalas de eficiência mínima e não me parece que as coisas vão melhorar", afirmou.



Luís Reis e Paulo Fernandes têm ideias divergentes sobre o ambiente regulatório.

Para este responsável, as falhas ao nível dos processos juntam-se a questões essenciais como a estrutura tarifária que tem sido seguida pelos operadores: "As comunicações de voz são oferecidas a um preço praticamente nulo, que queremos compensar através da banda larga", sem que, o desenvolvimento deste último mercado permita a captação de valor para as empresas.

Xavier Martin reconhe-

A concorrência no sector das telecomunicações passa pela competição entre diferentes infra-estruturas, defende o presidente da AR Telecom.

ce, apesar das críticas, que o mercado nacional tem registado uma evolução positiva, nomeadamente ao nível do ambiente regulatório. Uma ideia também defendida por Luís Reis, da Sonaecom, que sublinhou a existência de "um clima de confiança" no sector das telecomunicações. De acordo com o administrador da Sonaecom, este ambiente só é possível "graças à acção decisiva do Governo", que fez da concorrência

"uma bandeira que tem vindo a promover", dando como exemplo o acordo de auto-regulação assinado pelos operadores de telecomunicações nacionais com vista à massificação da banda larga.

"Estamos perante um ambiente de confiança que permite diminuir o ambiente de crispção que existia entre os operadores", afirmou Luís Reis. O mesmo responsável elogiou o trabalho desesvolvido pela Anacom, que "nos últimos 12 meses tem emitido uma série de deliberações que vão no sentido de corrigir falhas importantes que existiam no sector", frisando, no entanto, que "estão por resolver questões fundamentais", nomeadamente relativas à propriedade das infra-estruturas de cabo e cobre. "A concorrência em telecomunicações resulta da concorrência entre as infra-estruturas", defendeu Miguel Martins, presidente da AR Telecom.

Para Paulo Fernandes, administrador da Portugal Telecom, "existe em Portugal o risco de sobregulamentação", avisando que o incumbente precisa de estabilidade regulatória para garantir a continuidade dos investimentos no mercado nacional.

Optimus 2005
premeiam mobilidade

A Elviassist - Mondial Assistance, Unilever/Mobbers Telelink, Credifin e S.T.C.P. sagraram-se os grandes vencedores, na cerimónia de entrega de dois Prémios Optimus 2005. Todas as categorias pretendiam premiar soluções empresariais de mobilidade em áreas como os processos comerciais e de "Serviço a Cliente" (Credifin), os "Serviços de Utilidade Pública" (S.T.C.P.), onde também a Universidade Lusófona foi distinguida com uma menção honrosa. Foi, ainda, tida em conta uma outra categoria, a "Mobilização de Processos Produtivos" em que o projecto vencedor foi a Mondial Assistance e a EDP teve direito a uma menção honrosa.



Lobo Xavier preside ao protocolo de entrega.

Concorrência passará pelos vários segmentos da indústria

Alonso Vaz Pinto

avazpinto@economiainformatica.pt

A concorrência no mercado de comunicações está a mudar e deixará de ser feita em segmentos específicos, como o rede fixa vs rede fixa ou móvel vs móvel. Segundo Sam Baker, director comercial e da Deloitte no Reino Unido, o futuro da indústria de telecomunicações passará antes a por por "em jogo" todos os segmentos em simultâneo passando a concorrência a ser decidida no campo dos serviços que as empresas irão disponibilizar aos utilizadores.

Outras das ideias debatidas por Sam Baker no decorrer do segundo painel do IV Fórum Telecom do **DIÁRIO Económico** - que tinha por pano de fundo a Análise do Mercado de comunicações: evolução e impacto dos futuros serviços móveis - foi a de que a concorrência no sector também "será jogada nas preças".

Kurt Silén, vice-presidente da Ericsson Mobility World, ressaltou igualmente a "importância que os



Concorrência deverá por "em jogo" todos os segmentos do mercado.

serviços e diferentes aplicações" estão cada vez mais a ter no mercado das telecomunicações e garantias mesmo que este será um factor decisivo na concorrência futura do sector.

Bosco Fernandes, Chairman para UMTS Forum's Manufacturers Group e ICT Group, garantiu que, apesar de "haver ainda alguma turbulência na

Indústria" e as "pessoas sonharem com a quarta geração" o UMTS (Universal Mobile Telecommunications System) ou terceira geração tem condições para se afirmar. Lembra-se que os telefones de terceira geração tiveram um desempenho muito discreto no mercado e muito aquém das expectativas iniciais.

Rede móvel continuará a crescer em Portugal

O mercado de telemóveis nacional tem condições para continuar a crescer nos próximos anos. Apesar de a taxa de penetração da rede de telefones móveis já ser de 100%, de acordo com estimativas recentes, o mercado português ainda poderá crescer mais.

Sam Baker, director comercial e Commercial Transaction Services Practice da Deloitte no Reino Unido,



Sam Baker, director da Deloitte no Reino Unido.

durante o IV Fórum Telecom do **DIÁRIO Económico** que "em Portugal como no Reino Unido" a rede móvel poderá penetrar além dos 100% "uma vez que são estimativas "incorrectas" do ponto de vista do potencial ainda por explorar no mercado.

Segundo este responsável, a taxa de penetração real da rede móvel em Portugal «deverá andar em torno dos 70%» sendo a percentagem restante residual havendo, por isso, «muito mais ainda por explorar» neste mercado.

Baker já tinha referido no **DIÁRIO Económico** que "a rede móvel, em Portugal, continuará a crescer com o aumento dos utilizadores dos serviços móveis e com a dilatação do texto e dos minutos, apesar do nível de adesão à terceira geração ser bastante contido.